

CAPÍTULO 1

A única comunidade humana

A pintura é a produção de uma imagem para uma coisa não-visível e incompreensível: dando-lhe forma e tornando-a próxima. E é por isso que as boas pinturas são incompreensíveis [...] “Não-compreensível” significa, em parte, “não-transitória”, i.e. essencial. E também significa, em parte, um símbolo para aquilo que, por definição, transcende o nosso entendimento, mas que o nosso entendimento nos permita postular.

GERHARD RICHTER, *The Daily Practice of Painting*

Podemos dizer que, na história do pensamento, o conceito de limite é um conceito arcaico. Entre os Gregos, encontramos duas formulações em cuja simplicidade estão reunidas variações inúmeras: “Conhece-te a ti próprio” de Sócrates e “Os confins da alma, no teu caminhar, não os descobrirás” de Heraclito. Na primeira delas, trata-se de uma advertência apolínea, que tomou forma oracular, e que pode ser decifrada como imposição de uma fronteira, atravessada a qual se entra no território ardente da desmedida, da *hybris*. Na forma trágica da poesia são inúmeras as pedras-de-toque para os vários géneros de horror, engendrados por essa travessia. Por sua vez, a formulação heraclitiana revela o limite como fundo, o poço abissal da nossa própria vida. No fragmento em questão, à frase citada segue-se esta outra: “tão escondidos estão os seus fundamentos”².

² Segue-se a tradução de Giorgio Colli, *La Sapienza Greca, III Heraclito*, 14 [A55], p. 63.

Limite, aqui, não tem que ver com o perigo da desmedida, mas com a descoberta da transcendência.

Entre os modernos, nenhum outro pensador considerou de modo mais vasto e constante o conceito de limite do que Kant. A partir do seu “despertar do sono dogmático”, passou o resto da vida a tentar encontrar passagens, pontes, formas particulares de vínculo (*Übergänge*, o termo é decisivo) entre aquilo que entretanto se esforçara tão arduamente por separar, a fim de desenvolver as exigências do exercício crítico: faculdades, elementos e operações das faculdades, campos de objectos, princípios *a priori* (exemplificando: sensibilidade, imaginação, entendimento, faculdade de julgar, razão; intuições, esquemas e conceitos; campo teórico e campo prático; conformidade à lei, conformidade a fins últimos e por aí adiante). Nesse esforço, os procedimentos tão caros aos modernos de analisar, decompor, separar, alcançam o seu ponto supremo. Mas, além disso, e este é o aspecto mais decisivo, surpreendemos nele uma fertilidade inesperada, com origem numa exigência de unidade que não se pode despedir.

A imaginação e a razão são as faculdades cuja actividade põe a descoberto o cortejo inteiro da compreensão do que seja o limite, desde fronteira a limiar, até horizonte a perder de vista e terra incógnita, onde se engendram as oposições entre o familiar e o estranho, o conhecido e o desconhecido, o manifesto e o oculto. É desta espécie de limite que se desenvolve a fertilidade referida, isto é, o limite aponta para a transcendência. Por seu lado, o entendimento é uma faculdade que não conhece o limite, no sentido de confim, mas o limite como confinamento, o fechamento no domínio das suas próprias operações. As ciências, para Kant, representantes maiores do progresso da inteligência humana, só conhecem esta última espécie de limite, a física ou a matemática não “confinam com”, são “restritas a”, e, nessa medida, não sofrem qualquer ímpeto de ultrapassar o âmbito do uso dos seus conceitos, subordinados à possibilidade das suas mesmas operações. (Cf. *Prolegomena*, A 167).

Saliente-se que há certas experiências que obrigam o entendimento a uma transformação, como é o caso da experiência estética. Aí, a imaginação toma a dianteira e o entendimento conhece uma metamorfose por não poder aplicar as leis do seu senhorio, convertendo-se numa faculdade contemplativa e, ao sofrer, por assim dizer, pela

única vez, a experiência do limite como limiar, avista um horizonte infinito. A apresentação da ideia estética é a revelação disto: “[...] por ideia estética entendo aquela representação da imaginação, que dá ocasião a que se pense muito, sem que, no entanto, nenhum pensamento determinado, i.e., um conceito, lhe possa ser adequado, que, por consequência, nenhuma linguagem pode exprimir nem tornar compreensível.” ([*Crítica da Faculdade de Julgar*] *Kritik der Urteilskraft* § 49). A faculdade capaz destas representações é a imaginação, cujo poder nos torna capazes de mudar para um lugar onde nunca habitámos e onde nunca habitaremos.

As palavras de Richter soam surpreendentemente próximas do ponto de vista kantiano, que transita entre as três *Críticas* e toma uma particular feição na passagem dos *Prolegómenos* para a *Crítica da Faculdade de Julgar*. Trata-se da descoberta de uma forma de antropologismo que vence qualquer risco de formulação dogmática, aquele antropologismo a que ele chama simbólico, e que nos é esclarecido como um modo de dizer que convém à nossa experiência do limite como fronteira. É através do procedimento analógico (que consiste em encontrar proporções entre coisas dissemelhantes, como, por exemplo, entre a morte e a figura da morte cansada sobre a qual Fritz Lang concebeu o seu filme ou entre o deus Apolo e a escultura intitulada Apolo), próprio do símbolo, que nascem as ideias estéticas.

Atrás do símbolo o que é que está? Coisa nenhuma, em rigor. Antes, um estiramento do desejo, um querer dizer que não se fixa em nenhum pensamento determinado, mas que se vaza numa imagem originária, pairante, diz Kant, e de que podemos seguir os vestígios da sua irradiação na obra de arte e, também, o que não é demais sublinhar, nos conceitos filosóficos, que devem ser, assim, considerados formas simbólicas. No caso da obra de arte, essa imagem pairante é designada por ideia estética.

Na ultrapassagem dos limites age, por conseguinte, uma tendência natural ao espírito humano. Na verdade, em Kant, o conceito de limite não representa apenas, nem sobretudo, a fixação do destino humano como ponto de vista restrito às suas próprias condições, isto é, como finitude, cujo reverso exacto é a desmedida com o seu cortejo de perdições cognitivas — e não existenciais, como entre os

Gregos. Inversamente, no coração do conceito de limite está posto um excesso, no sentido em que ultrapassar os limites, aventurar-se na imensidão, perscrutar o abismo, sofrer o apelo da transcendência, é a nossa verdadeira medida: o símbolo, a obra de arte, a ideia estética, a imagem originária providenciam-nos verificar aquela vertigem, que é o nosso único acesso a uma comunidade humana, concebida como resgate esplendoroso do litígio entre animalidade e racionalidade. Na experiência estética, o elemento animal não subverte o elemento racional nem é por este restringido até à exaustão e, por isso, só o ser humano é capaz dela. (Cf. *Crítica da Faculdade de Julgar* § 5).

CAPÍTULO 2

A voz prometida. Sobre a imaginação na *Crítica da Faculdade de Julgar*

A linguagem, o *medium* do nosso pensamento, está já constituída (está sempre aí, sinal da nossa paradoxal finitude), quando se começa a exercitar o pensamento. As palavras de que se serve o filósofo estão aí, na língua, à disposição de quem as queira, de quem as procure. As palavras têm uma história, são receptáculo e conformação da experiência partilhada, ligadas por elos inumeráveis a outras palavras, a estados de espírito, a seres visíveis e, invisíveis, a famílias de modos de falar, de interpretações, que são já uma irradiação e um descobrimento do próprio pensar. Há uma tradição que se constitui no interior e se prolonga do interior de cada palavra, a cada momento presente no acto de proferir ou no acto de pensar silenciosamente. Como um receptáculo vivo, a palavra condensou, guardou, todos os que disseram e tudo o que foi tacitamente ou explicitamente reunido à sua volta ou no seu cerne. Como veremos, o símbolo põe precisamente em relevo esse reenvio de cada palavra à totalidade da linguagem, pensada como *energeia*, à maneira humboldtiana. O símbolo dá-se-nos como uma forma de vestígio, nalguns casos esplendoroso, do modo de constituição da linguagem.

Ideia, manifestação, presença, coisa são palavras recolhidas, reconhecidas por quem as procura, assim o filósofo escolhe as palavras para dar conta daquilo que vê, para dar conta de uma inquietação, da sua admiração, da sua perplexidade. Tomemos um exemplo em